

Narrativas de Seu Roque: encantados e encantarias na Ilha de Santana, Amapá

Seu Roque's narratives: encantados and encantarias on Santana Island, Amapá

Juliana de Lima Melo¹

Vitor Sousa Cunha Nery²

Resumo: Este artigo investiga as narrativas sobre encantados e encantarias a partir da perspectiva de Pedro Cardoso, conhecido como "Seu Roque", um benzedor da Ilha de Santana, no Amapá. A pesquisa destaca a importância dessas crenças, consideradas essenciais para a cultura amazônica, e explora a intersecção entre saberes tradicionais e identidade cultural na construção de uma ética ambiental. Utilizando a metodologia da História Oral, o estudo capta vozes marginalizadas e enriquece a análise das experiências vividas nas comunidades ribeirinhas, revelando como as histórias de Seu Roque refletem a conexão entre espiritualidade, natureza e práticas cotidianas. As narrativas, que abordam temas como o respeito à floresta e à água, enfatizam a resiliência cultural diante das pressões da modernidade e do colonialismo. Além disso, o trabalho propõe uma reflexão sobre a necessidade de valorizar as experiências locais e promover uma educação inclusiva que reconheça a diversidade cultural e epistemológica da Amazônia. Assim, as histórias de encantados não apenas preservam saberes ancestrais, mas também fortalecem a identidade amazônica e oferecem uma forma de resistência frente aos desafios contemporâneos.

Palavras-chaves: Encantados; Encantaria; Benzedor; Práticas Tradicionais.

Abstract: This article investigates narratives about *encantados* and *encantarias* from the perspective of Pedro Cardoso, known as "Seu Roque," a healer from the Ilha de Santana in Amapá. The research highlights the importance of these beliefs, considered essential to Amazonian culture, and explores the intersection between traditional knowledge and cultural identity in shaping an environmental ethic. Using the Oral History methodology, the study captures marginalized voices and enriches the analysis of lived experiences in riverine communities, revealing how Seu Roque's stories reflect the connection between spirituality, nature, and daily practices. The narratives, which address themes such as respect for the forest and water, emphasize cultural resilience in the face of modernity and colonial pressures. Furthermore, the work proposes a reflection on the need to value local experiences and promote inclusive education that recognizes the cultural and epistemological diversity of the Amazon. Thus, the stories of *encantados* not only preserve ancestral knowledge but also strengthen Amazonian identity and offer a form of resistance to contemporary challenges.

Keywords: Enchanted Beings; Enchantment Practices; Healer; Traditional Practices.

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amapá (UEAP), 2024. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6180-3935>. E-mail: julianallnsmelo@gmail.com

² Doutor em Educação na Linha de Educação, Cultura e Sociedade (PPGED-UFPA), Mestre em Educação na modalidade sanduíche (PPGED-UEPA/ PUC-Rio), Especialista em Gestão Estratégica do Conhecimento (CCNT-UEPA), graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia (UEPA) e Tecnologia em Gestão Pública (UNAMA). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (Prof-História/UNIFAP) e docente efetivo do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amapá (UEAP). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1309-6094>. E-mail: vitor.nery@ueap.edu.br

Introdução

Pedro Cardoso, amplamente conhecido como "Seu Roque," residiu no distrito da Ilha de Santana, localizado no estado do Amapá, Brasil. Com uma área de cerca de 9 km² e uma população de 2.689 habitantes, conforme dados do IBGE de 2010, a Ilha de Santana emerge como um espaço de profundo significado cultural, onde a ancestralidade amazônica se revela de maneira singular. Cercada pelas águas do majestoso rio Amazonas e envolta por densas florestas tropicais, a ilha serve como um ecossistema vibrante, abrigando uma rica biodiversidade. A vida de seus habitantes está intrinsecamente entrelaçada com atividades como a pesca e a agricultura, além de estarem enraizadas nas tradições culturais que perpetuam e valorizam a sabedoria ancestral da região.

Como ribeirinho e benzedeiro³, Seu Roque personificava a profunda conexão entre as comunidades amazônicas e o ambiente natural que as circunda. Suas práticas de cura refletem uma visão holística que integra espiritualidade, natureza e saúde, evidenciando como esses elementos se inter-relacionam na vida cotidiana. Ele não apenas detinha, mas também transmitia saberes ancestrais, entrelaçados com as narrativas de encantados que acumulou ao longo de sua trajetória. Essa prática, enraizada nas experiências ribeirinhas, destaca a relevância dos saberes tradicionais da Amazônia e a resiliência desses conhecimentos frente ao passar do tempo, perpetuando uma rica herança cultural que desafia as pressões da modernidade

Nesse contexto, a imersão na poética amazônica, para aqueles que não estão familiarizados com o *ethos* local, proporciona um encontro com imagens simbólicas que evocam a floresta, os rios e os diversos povos ribeirinhos, incluindo caboclos e indígenas, além dos mitos que permeiam a região. Essa intensa sensação de pertencimento à Amazônia enfatiza a poesia como uma forma de resistência e identidade, consolidando-se como uma expressão autêntica da floresta, das águas e da vivência amazônica. Assim, é possível afirmar que se trata também de uma verdadeira "poética das águas" (Azevedo, 2022), que celebra a riqueza cultural e natural desse ambiente singular.

A presença dos mitos e das narrativas de encantaria na Amazônia desempenha um papel fundamental na formação do imaginário coletivo da região, reforçando a conexão entre os

³ O ato de benzer é uma prática de fé e súplica, buscando interceder junto aos deuses para atrair benefícios aos mortais. Herança dos portugueses, essa tradição integrou influências indígenas e africanas, perpetuando saberes transmitidos por gerações. Rezadores e benzedores utilizam chás, rezas e recursos naturais como formas de cura e solidariedade comunitária (Nery, 2004).

habitantes e seu entorno natural e cultural. Essas histórias, repletas de simbolismo, sustentam a identidade amazônica e moldam a compreensão dos espaços que ela abrange. Nesse contexto, Fares (2006) enfatiza que o elemento mítico serve como a base fundadora da Amazônia e de outros territórios da América Latina, evidenciando como a construção do imaginário estrangeiro, desde as narrativas sobre as Amazonas, contribuiu para a perpetuação de relatos sobrenaturais e simbólicos que se tornaram parte essencial das tradições e memórias locais.

Stuart Hall argumenta que a identidade é uma construção histórica, fluida e em constante transformação, caracterizando-se como uma "celebração móvel" que reflete as interações entre o indivíduo, as representações culturais e as estruturas de poder (Hall, 2000). No contexto de Seu Roque e da Amazônia, a identidade cultural se revela como um processo de resistência e reapropriação, onde práticas tradicionais, como o benzimento, desafiam narrativas coloniais e reafirmam a riqueza dos saberes locais. Assim, pode-se questionar: o que é a identidade, senão o resultado de negociações contínuas entre história, cultura e poder?

As narrativas amazônicas, transmitidas oralmente, não apenas preservam saberes ancestrais, mas também fortalecem o sentimento de pertencimento a um espaço que entrelaça o sagrado e o cotidiano. Essa dinâmica molda uma estética cultural singular, na qual o encantamento e o mistério cultivam um senso de pertencimento que transcende o indivíduo e reforça a coletividade. Dessa forma, ao resgatar e valorizar esses mitos, a identidade amazônica se reafirma como uma forma de resistência cultural, que dialoga com o passado e enfrenta os desafios do presente.

Esses mitos estruturam a visão de mundo dos povos amazônicos, servindo como alicerces das práticas cotidianas. No entanto, conforme Pizarro (2012), a percepção externa sobre a Amazônia tem sido influenciada por um olhar "andinocêntrico", que contribuiu para o apagamento de outras regiões culturais igualmente significativas. Segundo a autora: "A ideia sobre a América do Sul esteve marcada por um olhar "andinocêntrico" que gerou o apagamento das outras regiões culturais não menos importantes" (Pizarro, 2012, p. 20). Essa perspectiva restrita não apenas desconsidera a diversidade cultural da região, mas também limita a compreensão da rica tapeçaria que compõe a identidade sul-americana.

A imagem da Amazônia foi moldada por discursos coloniais que promoviam uma visão idealizada da região como um paraíso edênico, ao mesmo tempo em que ocultavam a complexidade de sua realidade, permeada por conflitos e violências históricas. A composição de Chico Buarque, imortalizada pela interpretação de Ney Matogrosso, entoou: "Não existe

pecado do lado de baixo do Equador", refletindo essa dualidade. Inspirado pelo poeta holandês Caspar Barlaeus, que acompanhou Maurício de Nassau no Recife, Chico trouxe para sua canção uma crítica contundente à desigualdade legal no Brasil colonial. Barlaeus observou que, enquanto na Europa a lei deveria ser igual para todos, no Brasil, a classe dominante se colocava acima dela, deixando negros e pobres à mercê de punições severas. Essa reflexão conecta o cenário amazônico à complexa teia de desigualdades e injustiças que ainda persistem na sociedade contemporânea (Souza; Santos, 2020).

A Amazônia, com sua história marcada por conflitos e violências, simboliza a luta incessante pelo reconhecimento de saberes e modos de vida que têm sido sistematicamente silenciados desde o período colonial. Durante a colonização, os imaginários indígenas foram atacados e os sujeitos nativos, tornados invisíveis, enquanto os colonizadores buscavam afirmar a superioridade de seus próprios modelos de conhecimento e cosmovisão. Oliveira e Candau (2013) destacam que essa imposição de uma racionalidade moderna e cristã, considerada a única legítima, deslegitimou outras formas de saber. No contexto amazônico, essa lógica persiste na contínua tentativa de desvalorizar os saberes tradicionais e a conexão das populações locais com a terra e a natureza, perpetuando um processo histórico que favorece interesses coloniais e dominantes e nega a rica diversidade epistêmica da região.

Essa subalternização epistêmica, conforme discutido por Nery et al. (2020), reflete-se diretamente na educação, a qual, ao longo da história, foi moldada para reproduzir os valores do sistema capitalista e eurocêntrico. A separação entre história e educação, como apontam Streck, Adams e Moretti (2010), constitui uma estratégia de perpetuação dos valores dominantes, desconsiderando outras formas de educação e conhecimento que não estejam alinhadas com os interesses colonizadores. No contexto da Amazônia, a luta pela preservação ambiental, pelos direitos humanos e pela recuperação dos saberes indígenas e locais emerge como uma forma de resistência à colonialidade pedagógica que ainda permeia as estruturas educacionais. Essa resistência busca não apenas a valorização das tradições e conhecimentos locais, mas também a construção de um sistema educacional mais inclusivo e plural.

Assim, ao refletir sobre a história da educação e o processo decolonial, é fundamental reconhecer a relevância de contextos históricos e epistemológicos não europeus, como a contribuição das populações amazônicas, que, embora silenciadas, lutam para reconstituir e ressignificar o que foi perdido durante o colonialismo. Esse movimento de resistência requer, como apontam Nery et al. (2020), a decolonização da história da educação, permitindo que

outras perspectivas e saberes, frequentemente marginalizados, sejam reconhecidos e valorizados não apenas como memória, mas também como fontes de sabedoria e resistência diante dos desafios contemporâneos. Tal abordagem enriquece o entendimento educacional, promovendo uma educação mais inclusiva e plural, capaz de dialogar com a diversidade cultural e epistemológica da sociedade.

Resgatar as memórias de benzedeiros e comunidades tradicionais, como as de Seu Roque, exige uma postura contracolonial que valorize os saberes locais da Amazônia. Pizarro (2012, p. 29) destaca que os discursos de encantaria, fundamentados na oralidade, possuem uma estética própria, distinta da visão ocidental clássica. Isso sublinha a importância da oralidade na preservação da cultura amazônica, onde narrativas míticas estruturam as relações com o ambiente natural e espiritual. As práticas sincréticas de Seu Roque, que mesclavam catolicismo com tradições afro-indígenas, ilustram a fluidez das crenças amazônicas e a resistência de suas tradições, evidenciando como essas expressões culturais são vitais para a identidade e a continuidade das comunidades.

A análise das narrativas de Seu Roque sobre os encantados se conecta ao conceito de contracolonialidade de Nêgo Bispo, que defende a necessidade de contrariar um colonialismo que se adapta e se reinventa continuamente. Em entrevista ao Instituto Claro, Bispo afirma que "contracolonizar" é essencial para resistir ao colonialismo e valorizar os saberes tradicionais (Abud, 2023). Essa abordagem destaca a importância de preservar as cosmologias ribeirinhas e indígenas, combatendo o apagamento histórico e epistêmico dessas culturas como forma de resistência. Ao valorizar essas narrativas, não apenas se defende a diversidade cultural, mas também se reafirma a identidade e a autonomia das comunidades, fortalecendo suas vozes frente aos desafios contemporâneos.

As histórias de encantados contadas por Seu Roque transcendem o âmbito religioso, representando uma visão de mundo intrinsecamente ligada à cultura local. Elas perpetuam a sabedoria ancestral e resistem aos apagamentos promovidos pela modernidade e pelo colonialismo, demonstrando como os saberes tradicionais podem ser valorizados e reinterpretados como formas de resistência cultural.

Este artigo explora essa dimensão ao adotar a História Oral como metodologia central em seus aspectos teóricos e metodológicos. Conforme Thompson (1992), essa abordagem qualitativa não apenas acessa fatos e práticas, mas também capta as emoções, percepções e significados atribuídos às experiências, valorizando as vozes individuais como fontes

indispensáveis para reconstruir e interpretar o passado, especialmente em contextos onde o saber oral é essencial para a preservação cultural e histórica. Essa valorização das narrativas orais destaca a importância de reconhecer e respeitar as experiências vividas das comunidades, contribuindo para uma compreensão mais rica e plural da história.

As narrativas centrais abordadas neste artigo, "Caiu na água eu vi: A criança que se encantou nas águas do Rio Amazonas" e "Ele atirou, ninguém viu: a permissão para adentrar na mata", exploram como as histórias de encantaria moldam as práticas culturais e espirituais na Ilha de Santana. Este trabalho propõe revisitar essas histórias através de uma praxiologia descolonizadora, ressaltando sua importância na formação da identidade amazônica e amapaense. Ao examinar essas narrativas, a pesquisa busca não apenas compreender suas implicações culturais, mas também reconhecer seu papel essencial na construção de uma identidade que resiste e se reinventa diante das influências externas, valorizando as experiências e saberes locais.

1 História Oral na preservação das narrativas dos encantados no Amapá

Este estudo adotou uma metodologia focada na coleta e análise das narrativas sobre os encantados e as encantarias na região amazônica do Amapá, explorando histórias que têm sido transmitidas ao longo de gerações. As encantarias são entendidas como espaços místicos, descritos por Loureiro (2008) como "zonas transcendentais" nos rios, habitadas por seres mitológicos como botos, iaras, boiuna e mãe do rio. Esses seres simbolizam a conexão entre o imaginário cultural amazônico e a teogonia local. A pesquisa destacou como essas narrativas são construídas e vivenciadas pela comunidade, especialmente através dos relatos de figuras como Seu Roque, benzedeiro da Ilha de Santana. Assim, esses mitos conferem aos rios e florestas da Amazônia um caráter místico e épico, transformando-os em símbolos culturais repletos de história, identidade e poesia.

A escolha de uma abordagem qualitativa para este estudo é justificada pela necessidade de compreender a profundidade e o significado dessas histórias dentro de seus contextos cultural, social e espiritual. Como ressaltam Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa permite uma imersão nas realidades dos indivíduos, proporcionando um entendimento mais íntimo e reflexivo das crenças, práticas e significados relacionados ao conceito de encantados e encantarias. A análise das histórias de vida, narradas por figuras como Seu Roque, possibilita

ao pesquisador compreender como esses seres e suas histórias se entrelaçam com as práticas culturais e espirituais da comunidade.

Essas narrativas desempenham um papel crucial na construção da identidade cultural da região, integrando aspectos da natureza, espiritualidade e história local. Os encantados, segundo Loureiro (2008), não são meros elementos fantásticos; eles refletem a maneira como o povo amazônico se relaciona com a natureza e o tempo. Por meio desses mitos, podemos entender como os rios, florestas e os seres que habitam esses espaços se tornam símbolos de uma realidade mágica que influencia a vida e os costumes das pessoas. A crença nos encantados fortalece o vínculo entre a comunidade e o ambiente, criando uma cosmologia que é ao mesmo tempo espiritual e prática.

A metodologia da História Oral é fundamental para compreender e resgatar as narrativas dos encantados, revelando histórias de indivíduos frequentemente marginalizados, mas essenciais para a cultura e a memória coletiva. Conforme Thompson (1992), essa abordagem permite acessar experiências e significados únicos, conectando passado e presente. A partir dos relatos de Seu Roque, este estudo explora como as histórias dos encantados, transmitidas ao longo de gerações e em diferentes contextos, mantêm viva a memória popular, preservam a cultura local e oferecem uma visão de mundo que transcende o físico, fortalecendo a identidade e a sabedoria ancestral.

Os encantados, seres que emergem das águas e habitam um espaço transcendente, são figuras de aprendizado e mediadores entre o humano e o divino. Eles transmitem lições sobre o respeito à natureza, à vida e às forças espirituais. Histórias como as do boto ilustram encontros entre humanos e encantados, com os botos atuando como protetores ou assumindo formas humanas. Esses relatos, passados por anciãos como Seu Roque, possuem uma função social e educativa, ensinando os mais jovens sobre os códigos de conduta, os mistérios do rio e a importância do equilíbrio ambiental.

Assim, relatar as narrativas sobre os encantados e as encantarias no Amapá, por meio das histórias de vida de Seu Roque, propõe uma imersão no mundo simbólico e espiritual da cultura amazônica. Através da História Oral, busca-se não apenas documentar essas narrativas, mas também compreender seu papel crucial na preservação das tradições culturais e espirituais da região. As encantarias e seus habitantes místicos continuam a ser, para as comunidades locais, uma ponte entre o passado e o presente, entre o humano e o divino, oferecendo uma forma única de se relacionar com o mundo.

2 Caiu na água, eu vi: A criança que se encantou nas águas do Rio Amazonas

Ao abordar as narrativas de encantaria nas águas do rio Amazonas, é relevante iniciar este tópico com uma referência ao Orixá Oxum, cujos simbolismos e atributos dialogam profundamente com as histórias transmitidas por Seu Roque. Segundo Dias (2020), Oxum é descrita como a divindade do amor verdadeiro, senhora do ouro, da riqueza e da meiguice, representando as águas doces, como rios e cachoeiras. Além de sua delicadeza, ela é uma guerreira, repleta de charme e sutileza, atributos que a tornam uma figura central nas tradições afro-brasileiras.

Entre os muitos domínios de Oxum, destaca-se sua relação com as crianças, tema amplamente explorado nas mitologias e narrativas ligadas ao universo Iorubá e afro-brasileiro. Conforme Anjos (2016), Oxum é associada à fertilidade, sendo vista como a protetora e cuidadora das crianças pequenas. Sua paciência, amor e uma certa "meninice" refletem o fluxo tranquilo e acolhedor das águas doces que ela governa. Um mito notável relata que Oxum transforma seus filhos em verdadeiras joias, zelando por eles com um cuidado incondicional, conferindo-lhes brilho e proteção.

Essa relação simbólica com as águas e as crianças encontra eco nas histórias narradas por Seu Roque, que descreve um episódio de encantaria envolvendo uma criança que se "encantou" entre as águas do rio Amazonas. O ponto cantado, "Caiu na água, eu vi! Caiu na água, minha gente! O povo d'água vem aí!", evoca não apenas o imaginário das entidades ribeirinhas, mas também entrelaça a conexão entre o sagrado, a natureza e a infância, características intrínsecas a Yabá Oxum. De acordo com o Centro Espírita Unidos pela Fé (2023), os pontos cantados de Oxum ressaltam sua associação com o amor, a fertilidade e as águas doces, reforçando seu papel como orixá que traz harmonia e proteção aos devotos.

A coleta desses relatos foi conduzida ao longo de um ano por meio de observação participante, entrevistas semiestruturadas e registros em diário de campo. Durante esse período, foram realizadas visitas frequentes à Ilha de Santana, onde foi possível acompanhar de perto as práticas de Seu Roque, suas interações com a comunidade e a maneira como o benzimento era integrado ao cotidiano ribeirinho. As entrevistas com moradores locais, especialmente pais e mães que levavam seus filhos para serem benzidos, forneceram um panorama detalhado sobre a importância dessas práticas para a saúde e o bem-estar infantil. Além disso, as narrativas do próprio benzedeiro foram fundamentais para compreender sua trajetória, os conhecimentos

transmitidos ao longo das gerações e os significados espirituais e culturais associados ao seu ofício.

Todo esse processo investigativo resultou no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado *O Benzedor Seu Roque e as Práticas do Cuidar da Primeira Infância na Ilha de Santana - AP*, apresentado como requisito para a obtenção do título de licenciatura plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amapá (UEAP). O estudo buscou não apenas documentar as práticas de Seu Roque, mas também valorizar os saberes tradicionais que, muitas vezes, são invisibilizados pelas abordagens convencionais de saúde e educação. Ao adotar um referencial teórico decolonial, a pesquisa evidenciou a relevância do benzimento como parte das redes de cuidado comunitário, destacando seu papel na construção da identidade cultural e na promoção do bem-estar das crianças ribeirinhas.

A mitologia amazônica é marcada por narrativas de encantarias, nas quais as crianças, figuras centrais dessas histórias, estabelecem uma relação intrínseca com a natureza, tornando-se protetores espirituais. Essas narrativas são transmitidas oralmente através das gerações, refletindo uma integração entre saberes populares e práticas culturais e espirituais que moldam o imaginário das comunidades ribeirinhas. Como observa Costa (2018), essas histórias representam uma expressão significativa do entrelaçamento entre o universo simbólico e a vida cotidiana da região.

No contexto da Ilha de Santana, as histórias compartilhadas por Seu Roque, um benzedor local, oferecem um exemplo vívido dessa ligação espiritual entre as crianças e as águas do rio Amazonas. Seu Roque narra uma história sobre uma criança que se “encantou” nas águas do rio, revelando o vínculo que as crianças da região desenvolvem com o ambiente natural. Em suas palavras:

Tenho uma história. É uma história de uma criança muito especial, uma menina. Ela vivia aqui, na Ilha de Santana, passava horas explorando a floresta e brincando próxima à sua casa. A história começa em um dia triste: a criança desapareceu. Sua família ficou agoniada, procurando por ela em todos os cantos da ilha, mas ela havia se perdido, como se a floresta tivesse sido levada para si. Anos se passaram, e sua ausência ainda pesava sobre a família. Aqui na Ilha, o tempo tem um jeito de revelar as coisas. Comecei a perceber algo especial nos suspiros do vento e no som do rio. Sentia uma presença, uma energia gentil, que se tornou mais forte a cada dia. Era a menina, que agora se encantou. A criança se encantou no rio. Ela não abandonou sua família; pelo contrário, sempre retorna para visitar sua mãe e proteger seus irmãos menores de qualquer mal (Melo, 2023, p. 74).

O relato de Seu Roque não apenas destaca o poder das águas como elemento de transformação e conexão espiritual, mas também evidencia um aspecto central da vida nas comunidades ribeirinhas: a profunda relação das crianças com a natureza. Na Ilha de Santana, o crescimento infantil é permeado pela vivência direta com o rio e a floresta, onde o brincar e o aprendizado se entrelaçam em práticas educativas e lúdicas que transcendem os limites da vida urbana.

O brincar nas comunidades ribeirinhas é uma prática intrinsecamente ligada ao cotidiano das crianças, funcionando como uma ferramenta de conexão com o ambiente ao seu redor. A interação com o espaço natural vai além da mera diversão; a água, as árvores, os animais e outros elementos da natureza constituem o cenário e os "materiais" de um brincar que ensina sobre o ciclo da vida, as relações interpessoais e a sustentabilidade do mundo em que habitam.

Nesse contexto, o brincar se transforma em um meio pelo qual as crianças desenvolvem a percepção de seu lugar no mundo e dos valores de sua cultura. Chateau (1987) enfatiza que o brincar infantil nas comunidades ribeirinhas ultrapassa o brincar reflete e fortalece a integração das crianças com seu ambiente, proporcionando uma vivência que é simultaneamente física e emocional. Ao brincar, as crianças não apenas exploram a natureza, mas também constroem uma relação afetiva com ela, compreendendo-a como um campo formativo essencial para sua formação pessoal e coletiva.

Entretanto, o risco de afogamento é uma triste realidade que permeia a infância ribeirinha. Dados de Nogueira et al. (2017) indicam que as crianças menores de 5 anos são as mais vulneráveis a essa tragédia. O estudo, publicado na “Revista Baiana de Saúde Pública”, revela que, entre 2001 e 2010, o Brasil registrou 5.603 óbitos de crianças por afogamento, com uma predominância de vítimas do sexo masculino e de cor parda. Embora a mortalidade diminua com a idade, o risco permanece alarmante para os mais jovens. Este estudo pode ser consultado na publicação dos pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Anualmente, 400 mil pessoas morrem por afogamento no mundo, sendo as crianças abaixo de 5 anos as maiores vítimas. Este estudo objetivou descrever o perfil das crianças menores de 5 anos vítimas de afogamento no Brasil no período de 2001 a 2010. Foram realizadas análises descritivas e cruzamentos de variáveis. Os dados foram obtidos nas Declarações de Óbito registradas no Sistema de Informação de Mortalidade. As taxas de mortalidade foram calculadas e padronizadas pelo método direto. Os resultados apontaram a ocorrência, no período estudado, de 5.603 óbitos, predominantemente no sexo masculino, pardos, com um ano de idade. Houve decréscimo dos casos com o aumento da idade (Nogueira et al., 2017, p. 616).

Seu Roque, na qualidade de benzedeiro, desempenhe um papel fundamental na proteção espiritual das crianças, ele também reconhece os limites de sua prática, especialmente diante de problemas graves de saúde. Seu compromisso com a saúde da comunidade transcende o benzimento, refletindo uma visão holística que valoriza tanto os saberes tradicionais quanto a medicina moderna. Como ele afirma: “Como benzedeiro, faço o possível para ajudar. Mas sempre digo aos pais: se o problema for sério, procurem um médico. O benzimento não substitui, complementa” (Melo, 2023, p.64).

Essa perspectiva equilibrada reflete uma prática de cuidado integral que reconhece a importância da medicina convencional, especialmente em um contexto onde os riscos de afogamento e outros perigos naturais são iminentes. Assim, a relação simbólica entre as águas, a infância e a proteção nas narrativas de Seu Roque se inscrevem em uma cosmovisão em que mito, prática religiosa e desafios da vida cotidiana se entrelaçam. Isso evidencia a necessidade de preservar essas histórias como manifestações culturais essenciais para a identidade amazônica.

3 Ele atirou, e ninguém viu: A permissão para adentrar na mata

A cosmogonia amazônica é caracterizada por um sincretismo religioso que integra saberes indígenas, afro-brasileiros e elementos da religiosidade popular. Uma das práticas enraizadas nessa cosmologia é a ideia de pedir permissão antes de adentrar as matas da floresta. Essa prática está intimamente ligada à crença em seres encantados, como a Caipora, também conhecida como Mãe do Mato ou Dona da Mata. A Caipora é considerada a guardiã das florestas e dos animais, garantindo o equilíbrio e protegendo os recursos naturais contra os abusos humanos. Sua presença reflete a interconexão entre o humano e o sagrado no imaginário amazônico (Aguiar; Costa Neto; Santos-Fita, 2022).

No contexto das religiões de matriz africana, como a Umbanda, a conexão com os seres encantados e a natureza é frequentemente mediada pela musicalidade e pela oralidade. Os pontos cantados da Umbanda, que apresentam uma rica sonoridade e ritmo, exemplificam como a religiosidade afro-brasileira utiliza o som para aproximar os praticantes do universo espiritual. Um exemplo disso é um ponto que remete à relação com a floresta e à figura do Flecheiro, que afirma: "Ele atirou, Ele atirou e ninguém viu, Só seu Flecheiro é que sabe, onde a flecha caiu" (Umbanda, 2025).

Esse ponto reflete uma reverência ao sagrado que permeia a mata, destacando a necessidade de respeito e harmonia ao interagir com o meio ambiente. A Umbanda, fundada por Zélio Fernandino de Moraes em 1908, exemplifica como o sincretismo religioso brasileiro incorpora elementos da espiritualidade indígena, africana e cristã, criando uma prática única que dialoga com os encantados e os espaços sagrados da natureza.

A história de Zélio e sua mediunidade demonstra a complexidade do sincretismo brasileiro. Desde os sinais mediúnicos até sua conexão com o Caboclo das Sete Encruzilhadas, Zélio simboliza o entrelaçamento de culturas e tradições na formação da Umbanda. Essa tradição continua a valorizar as práticas espirituais que respeitam e preservam a natureza, como a necessidade de pedir permissão para adentrar na floresta, reconhecendo os encantados como parte essencial da vida e da cultura amazônica.

Assim, o sincretismo religioso não apenas reflete a diversidade cultural do Brasil, mas também reforça práticas que integram espiritualidade e sustentabilidade ambiental, destacando a importância das narrativas de encantados na preservação das matas e dos rios amazônicos. É notável como Seu Roque se enraíza nas práticas católicas em suas rezas e invocações aos santos, evidenciando uma forte adesão a essa religião majoritária. No entanto, a fluidez de suas crenças o leva a considerar a influência de entidades como os curumins ou caboclos, que incorporam traços da cultura afro-indígena. Essa harmonização de elementos religiosos tão diversos é remanescente do sincretismo, onde as fronteiras entre as religiões se tornam porosas e as crenças se entrelaçam em um mosaico espiritual único.

A associação dos curumins com os espíritos de crianças encantadas no universo de Seu Roque ecoa ressonâncias com as tradições dos cultos afro-brasileiros, como a Umbanda. Nos cultos afro-diaspóricos, os "curumins" são também vistos como espíritos de crianças, denotando uma conexão com o plano espiritual que transcende a barreira entre o material e o imaterial. Essa convergência de crenças entre Seu Roque e as tradições afro-brasileiras exemplifica como as práticas religiosas no Brasil frequentemente se entrelaçam, influenciam e enriquecem umas às outras.

Conforme explica Romão (2018) em sua análise sobre o sincretismo religioso nas manifestações das religiões afro-brasileiras:

O sincretismo religioso afro-brasileiro como aspecto cultural foi e continua a ser uma estratégia de sobrevivência transnacional, pois teve sua origem exatamente no desarraigamento de milhões de africanos pela via da chamada passagem do meio. Também o entendemos como translacional, porque sua

complexidade temática se estendia e ainda se estende às mais diversas áreas da convivência e das vivências humanas: rituais religiosos, conteúdos históricos, práticas sociais, lendas e mitos como substratos culturais, e toda uma gama de outros fatores (Romão, T. L. C, 2018).

Para ilustrar essa consideração, é importante mencionar o trabalho de Figueiredo (2008), um especialista nas disciplinas de história e antropologia. Sua pesquisa revela que, durante o ciclo da borracha, conhecido como a Belle Époque Amazônida, os pajés caboclos, benzedeiros e curandeiros foram alvo de perseguições em razão de suas práticas de cura, sendo vistos como obstáculos ao avanço da modernização na região amazônica. Assim, a abordagem teórica dialoga com autores que se dedicaram ao estudo da "Pajelança Cabocla", proporcionando uma análise de natureza histórico-antropológica.

Nas comunidades ribeirinhas, lendas como a da "Cobra Grande" ou "Cobra Sofia", em torno da Ilha de Santana, e as histórias dos "Tiros de Caruara", contadas pelo benzedeiro, continuam a ser transmitidas oralmente, refletindo uma conexão intrínseca entre o povo ribeirinho e seu ambiente natural. Essas narrativas, muitas das quais têm raízes indígenas, reverberam em maravilhas e criatividade, estimulando a imaginação e evidenciando a exuberância cultural que floresce na região amazônica.

A perspectiva cosmológica de Seu Roque, compartilhada por diversas comunidades ribeirinhas da Amazônia, caracteriza-se pela presença de uma rica mitologia e pelo culto às lendas dos encantados. Para esses grupos, a relação estabelecida com a natureza e o plano espiritual é moldada por um conjunto de convicções e práticas que visam primordialmente manter a harmonia e o respeito em relação ao ambiente que habitam, configurando, assim, uma ecologia espiritual de crenças (Costa Neto, 2023).

O sincretismo religioso reflete não apenas a diversidade espiritual do país, mas também práticas que reforçam uma conexão harmônica entre espiritualidade e sustentabilidade ambiental. Essa relação é evidente nas comunidades ribeirinhas da Amazônia, onde crenças e mitologias permeiam a vida cotidiana, moldando práticas que buscam o equilíbrio com o entorno natural. Dentre essas práticas, destacam-se os horários específicos para adentrar a mata, a necessidade de pedir permissão aos espíritos da floresta antes de ingressar no rio, e a crença de que mulheres grávidas não devem se aventurar nesses ambientes para evitar possíveis malefícios. Tais crenças, evidentes na cultura ribeirinha, ressaltam a relação espiritual que essas comunidades mantêm com a natureza.

Durante nossas conversas com o benzedeiro Seu Roque, ele compartilhou histórias que ilustram essa rica mitologia e suas implicações nas práticas cotidianas. Em um momento de diálogo, ele perguntou: “Você sabe o que é 'tiro de caruara'?” Seu questionamento despertou curiosidade e trouxe à tona a relevância dessa narrativa no contexto da cosmovisão ribeirinha. Segundo Seu Roque, o "tiro de caruara" é uma manifestação espiritual que ocorre na mata, especialmente em horários específicos.

Na mata, tem um ser, um espírito, sei lá, que fica de olho na gente quando a gente tenta entrar lá, mas tem uns horários que a gente não pode de jeito nenhum. Aí, o caruara fica esperando, e quando a pessoa menos espera, ele dá um tiro nela. É, um tiro, mas não é um tiro que a gente vê, não. Dói muito, e a pessoa só percebe quando já tá com um pedaço de algo atravessado na pele (Melo, 2023).

A narrativa de Seu Roque ressalta a importância das mitologias regionais na construção de um respeito profundo pela natureza. Essas crenças integram a "ecologia espiritual de crenças" proposta por Costa Neto (2023), na qual práticas voltadas à preservação ambiental equilibram os aspectos materiais e imateriais da vida. As encantarias ribeirinhas, como o "tiro de caruara", exemplificam como essas histórias orientam comportamentos, especialmente no que diz respeito à interação com a floresta e os rios, assegurando a harmonia entre os seres humanos e o ambiente natural.

O "tiro de caruara" transcende uma explicação meramente física, inserindo-se em um campo simbólico imaterial que ultrapassa a percepção cotidiana. Ele se relaciona à figura do flecheiro, que utiliza o invisível como uma arma na cosmologia amazônica, criando uma analogia entre o "tiro de caruara" e uma força imaterial que impacta o corpo, mas pertence a uma dimensão intangível e simbólica. Essa narrativa ilustra a poética do imaginário amazônico, onde as fronteiras entre o real e o mítico se dissolvem, dando voz à espiritualidade local. Nesse sentido, a perspectiva de Paes Loureiro (1986) torna-se fundamental para a compreensão desse fenômeno:

Na vida amazônica, a mitologia reaparece como linguagem própria da fala, que flui como produto de uma faculdade natural, levada pelos sentidos, pelo sentido e pela imaginação e pela descoberta das coisas" (Paes Loureiro, 1986, p. 29).

A linguagem mítica, presente no cotidiano das comunidades ribeirinhas, estabelece uma conexão entre o humano e o sobrenatural, bem como entre o material e o imaterial. Práticas como o respeito aos horários de entrada na mata, a veneração aos encantados e a narrativa do

"tiro de caruara" são fundamentais para a preservação de uma ecologia espiritual, na qual a imaginação interpreta e interage com a realidade. O imaginário amazônico é uma dinâmica viva que molda comportamentos e sustenta uma ética de respeito à natureza. Nesse espaço simbólico, onde mito e prática se entrelaçam, reside a singularidade da vida amazônica, perpetuando a relação harmônica entre os povos ribeirinhos e seu ambiente natural.

Considerações Finais

Este artigo buscou explorar a profunda interconexão entre as narrativas de encantaria e a vida cotidiana nas comunidades ribeirinhas da Amazônia, com foco nas experiências e saberes de Seu Roque, um benzedeiro da Ilha de Santana. Através de uma análise das histórias que permeiam a cultura local, foi possível evidenciar como esses relatos, impregnados de simbolismo e significados, desempenham um papel crucial na formação de uma identidade cultural que respeita e se harmoniza com a natureza.

A pesquisa destacou a importância das mitologias regionais na construção de uma ética ambiental, onde práticas de respeito à floresta e aos seres encantados não são meras tradições, mas sim elementos essenciais de uma "ecologia espiritual de crenças". Essas práticas, que incluem o pedido de permissão antes de adentrar na mata e o respeito a horários específicos, refletem uma sabedoria ancestral que continua a guiar as interações dos moradores com o ambiente natural, preservando a rica biodiversidade da região.

A análise das narrativas de encantaria evidencia a resiliência cultural dos povos amazônicos diante da modernidade e da colonização. As práticas sincréticas de Seu Roque revelam um mosaico de influências indígenas, africanas e populares, que moldam a identidade amazônica. Essa diversidade espiritual não apenas enriquece a cultura local, mas também resiste às narrativas coloniais que historicamente silenciaram esses saberes. A metodologia da História Oral foi essencial para resgatar e valorizar essas experiências, permitindo que as narrativas orais fortaleçam o sentimento de pertencimento e contribuam para a preservação da cultura amazônica.

Por fim, este trabalho reafirma a necessidade de uma abordagem que valorize as experiências e vozes das comunidades locais, promovendo uma educação mais inclusiva e plural que reconheça e respeite as diversidades culturais e epistemológicas. A poética das águas e as histórias de encantados, como as narradas por Seu Roque, não apenas celebram a riqueza

cultural da Amazônia, mas também oferecem uma perspectiva de esperança e resistência diante dos desafios contemporâneos. A preservação dessas narrativas é, portanto, essencial não apenas para a manutenção da identidade cultural amazônica, mas também para a construção de um mundo mais justo e equilibrado, onde a natureza e os seres humanos coexistam em harmonia.

Referências

AZEVEDO, Maria da Glória de Castro. O ethos amazônico e a poética de resistência/existência em poemas de Francis Mary, Astrid Cabral e Marta Cortezão. **Revista Porto das Letras**, v. 8, Número Especial, 2022. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/14903/20435> Acesso em: 02 de jan. de 2025.

ANJOS, Juliane Olivia dos. **As joias de Oxum**: as crianças na herança ancestral afro-brasileira. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, University of São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.48.2017.tde-29032017-114837. Acesso em: 2025-01-04.

BUD, Marcelo. O que é contracolonial e qual a diferença em relação ao pensamento decolonial? Escritor quilombola Nêgo Bispo explica perspectiva que se contrapõe à colonialidade. **Instituto Claro**, 21 mar. 2023. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/podcasts/o-que-e-contra-colonial-e-qual-a-diferenca-em-relacao-ao-pensamento-decolonial/>. Acesso em: 7 jan. 2025.

CENTRO ESPÍRITA UNIDOS PELA FÉ. Pontos de Oxum. Disponível em: <https://ceufrio.com.br/wp-content/uploads/2023/05/PONTOS-DE-OXUM.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2025.

COSTA, Eliane Miranda. Narrativas antropológicas sobre materialidade e espiritualidade na Amazônia Marajoara. Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, Brasília, DF, 09-12 dez. 2018.

CHATEAU, Jean. **O jogo e a criança**. São Paulo: ummus: Papyrus, 1987.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DIAS, L. de O. Reflexos no Abebé de Oxum: por uma narrativa mítica insubmissa e uma pedagogia transgressora. **Articulando e Construindo Saberes**: Goiânia, v. 5, 2020. DOI: 10.5216/racs.v5i.63860. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/racs/article/view/63860>. Acesso em: 4 jan. 2025.

FARES, Josebel Akel. Poéticas orais constroem a história da Amazônia. In: FARES, Josebel Akel (org.). **Diversidade cultural: tema e enfoques**. Belém: Unama, 2006.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A cidade dos encantados: pajelança, feitiçaria e religiões afro-brasileiras na Amazônia**. 1. ed. Belém: EDUFPA, 2009. Coleção Vicente Salles. Disponível em: https://minerva.ufjf.br/F/?func=direct&doc_number=000721671&local_base=UFR01. Acesso em: 4 jan. 2025.

GARCIA, Adilson. A Lenda da Cobra Sofia da Ilha de Santana (AP). **Coluna Fórum Optimum**. Disponível em: <https://www.jornaldosmunicipiosap.com.br/coluna/a-lenda-da-cobra-sofia-da-ilha-de-santana-ap>. Acesso em: 05 jan. 2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Santana (AP). 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ap/santana.html>. Acesso em: 4 jan. 2025.

NOGUEIRA, Cyntia de Medeiros; GALVÃO, Pauliana Valéria Machado; SANTOS, Raphaella Abreu Carneiro Campello; FRAGOSO, Bárbara Raquel Timóteo do Amaral; LAUREANO FILHO, José Rodrigues; SOUZA, Eliane Helena Alvim de. Mortalidade por afogamento em crianças menores de 5 anos no Brasil: 2001 a 2010. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 40, n. 3, 2017. Disponível em: <https://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/1701>. Acesso em: 4 jan. 2025.

MOREIRA, Daniele Rodrigues et al. Yabás, senhoras das águas: uma proposta de ensino decolonial para a percepção da natureza, a partir da mitologia iorubá. **Anais IX CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/94808>. Acesso em: 05/01/2025.

MELO, Juliana de Lima. **O benzedor Seu Roque e as práticas do cuidar da primeira infância na Ilha de Santana-AP**. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia, Macapá, 2023. 87 f. Orientador: Prof. Dr. Vitor Sousa Cunha Nery. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1DL_WHGp7Bvim9ADL7ebburiv1mz6v26/view?usp=sharing Acesso em: 05 de jan. de 2025.

NERY, V. S. C.; NERY, C. do S. dos S.; DIAS, A. de S. Decolonizar a história da educação: contribuições teóricas dos estudos subalternos e do pensamento decolonial. **History of Education in Latin America - HistELA**, v. 3, e21799, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/2596-0113.2020v3n0ID21799>. Acesso em: 5 jan. 2025.

NERY, Vanda Cunha Albieri. O ato de benzer e sua relação com a fé e a cultura popular brasileira. Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa Folkcomunicação do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da **Intercom**, 2004.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de & Candau, Vera Maria ferrão. Pedagogía decolonial y educación anti-racista e inter-cultural en Brasil. In Walsh, Catherine (Org.) **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya Yala, 273-303. 2013.

PASSIANI, E. Não existe pecado abaixo do Equador? algumas considerações sobre o processo de formação da sociedade de corte no Brasil (1808-1889). **Sociedade e Estado**, v. 27, n. 3, p. 571–593, set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/HRf8ggWv88PYRvVYtZWGDRz/>. Acesso em: 02 de jan. de 2025.

PEREIRA AGUIAR, L. M.; COSTA NETO, E. M.; SANTOS FITA, D. Caipora and the conservation of natural resources in tropical forests in the South Recôncavo region, Bahia State, Northeast Brazil. **Ethnobiology and Conservation**, [S. l.], v. 12, 2023. Disponível em: <https://ethnobiococonservation.com/index.php/ebc/article/view/766>. Acesso em: 4 jan. 2025.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

PAES LOUREIRO, J. J. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

PAES LOUREIRO, J.J. **Água da Fonte**. São Paulo: Escrituras, 2008a.

PAES LOUREIRO, J.J. **A arte como encantaria da linguagem**. São Paulo: Escrituras, 2008b.

ROMÃO, T. L. C. Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional: Divindades africanas e santos católicos em tradução. **trabalhos em linguística aplicada**, v. 57, n. 1, p. 353–381, jan. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8651758> . Acesso em: 04 de jan. de 2025.

SOUZA, Jorge Victor de Araujo; SANTOS, Luis Henrique Souza dos. Da eloquência dos frontispícios: discurso político sobre a presença holandesa em Pernambuco. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, Nova Série, v. 28, p. 1-23, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/qFRH8cVX6yJQbTF7dShdSDk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 jan. 2025.

STRECK, Danilo Romeu; MORETTI, Cheron Zanini; ADAMS, Telmo. Pensamento pedagógico em nossa América: uma introdução. In: **Fontes da pedagogia latino-americana: uma antologia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 19-36.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UMBANDA. Atirou. Composição de Alcino Cabloco. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/umbanda/1380298/>. Acesso em: 7 jan. 2025.